

# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha

Assinatura conjunta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa

Annua.....	4\$800	PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑHA	
Semestre.....	2\$400	Annua.....	2\$000   Trimestre.....
Trimestre.....	1\$200	Semestre.....	4\$000   Mez (em Lisboa).....
			2\$000
			700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

Capa: O ALMIRANTE JAPONEZ GORO IJUIN (cliché de Benoitel). Texto: S. A. O PRINCIPE REAL EM LOANDA, 9 illustr. • S. SALVADOR DO MUNDO: A GRANDE ROMARIA DA BEIRA ALTA, 12 illustr. • PERCURSO DO «RAID»: A CIDADE DE ELVAS, 15 illustr. • DUPLO «RAID» HIPPICO NACIONAL, 1 illustr. • A NOSSA TERRA: VILLA NOVA DA OLIVEIRINHA, 12 illustr. • A COUDELARIA NACIONAL NA FONTE BOA, 16 illustr. • LA POR FÓRA, 2 illustr. • DOIS NAVIOS JAPONEZES EM LISBOA, 15 illustr. • MEMORIAS DO CHEFE JACOB, 4 illustr. • O CASO DO DIA: A QUINTA DE CAZELLAS, 6 illustr.

# Portvgalia

## Materiaes para o estudo do povo portuguez

ESTÁ PUBLICADO O 7.º FASCICULO \*\*\*\*\* 3.º DO TOMO II \*\*\*\*\*

DIRECTOR — RICARDO SEVERO  
 REDACTOR EM CHEFE — ROCHA PEIXOTO  
 SECRETARIOS | FONSECA CARDOSO  
 | JOSÉ FORTES

In 4.ª peq.,  
 192 pag.,  
 14 planhas e  
 105 illustra-  
 ções no texto  
 em zincogra-  
 phia,  
 similit-gravura,  
 phototypia e chromo-  
 lithographia

A' venda  
 nas  
 principais  
 livrarias  
 do  
 paiz

**Assumptos:** Estações pre-romanas da bacia do Mondego. — Sepulturas lusitano-romanas do norte de Portugal. — Um thesouro proto-historico. — Bracelete e collar de ouro ibericos. — Um esconderijo de machados de bronze. — Castros luso-romanos. — Nummaria. — Epigraphia lapidar. — Genése das povoações maritimas. — Regimen pastoril dos povos do Gerez. — O vestuario serrano. — A pesca fluvial e seus engenhos populares. — Uma olaria beirã. — Ceramica artistica; os azulejos. — As grimpas e os cataventos. — Musicas populares portuguezas. — Folklore beirão e transmontano. — Os mortos illustres. — Noticias. — Bibliographia.

Preço d'este fasciculo, avulso: 1\$500 réis Redacção: Rua do Conde, 21—PORTO

Deposito no **PORTO**: Livraria **Lello & Irmão**, Rua das Carmelitas, 144  
 Em **LISBOA**: Livraria **Ferreira**, Rua Aurea, 132 a 138

**AGUA CASTELLO**

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORTHECEDORES da CASA REAL

NOUVEAU PARFUM  
**PRINCIA VIOLET**  
 25. B<sup>e</sup> des Italiens, PARIS

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebrada chiromante e phisionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias chiromancia, phronologia e phisyonomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambroze, d'Arpenigney, Madame Beroillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.

**Violet** SABÃO REAL DE THRIDACE  
 Parfums PARIS Sabão "Veloutine"  
 fabricado pelas meirades de Hygiene da Peller Alvaire de Paris.

PARFUM **FLORAMYE**  
 L.T. PIVER  
 PARIS

Companhia  
 \*\*\*\*\* DO \*\*\*\*\*  
**Papel do Prado**

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada  
 Proprietaria das fabricas do Prado, Marianais e Sobreirinho (Thomar), Feneço e Canal d'Herminio (Louçã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha).

Escritorios e depositos  
**LISBOA** — 270, Rua da Princesa, 276  
**PORTO** — 49, R. de Passos Manuel, 51

Ende, telegr.: Lisboa, Companhia Prado, Prado—Forte — Lisboa, N.º telephon. 508

**Seios**

Desenvolvidos, aformoseados, fortificados com \*\*\*\*\* as \*\*\*\*\*  
**Pilulas Orientaes**

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum à saude. Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. Rafis, Ph. S, Passage Verdau, PARIS. Frasco com instruções, 1\$500 rs. Franco para vale do correio, enviado a J. P. Bastos & C., 39, R. Augusta, LISBOA

**Novo diamante americano**

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs. broches a 800 rs., brincos a 1\$000 rs. o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas jóias são em prata ou ouro de lei.

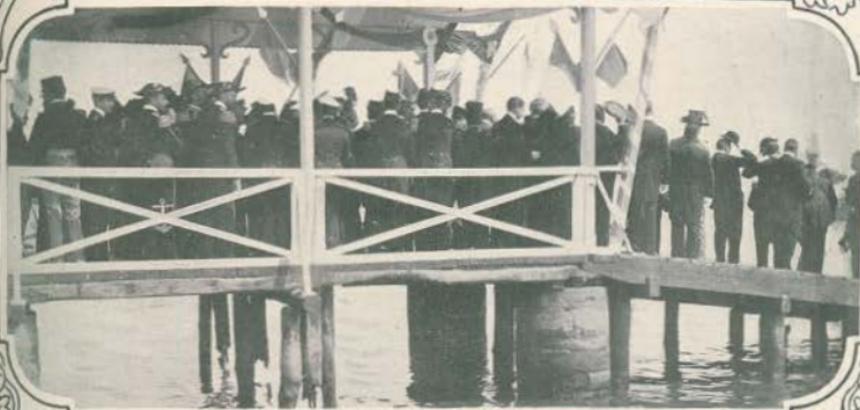
**NÃO CONFUNDIR A NOSSA CASA**  
**Rua de Santa Justa, 96**  
 JUNTO AO ELEVADOR

# S. A. O PRINCIPE RÊAL EM LOANDA

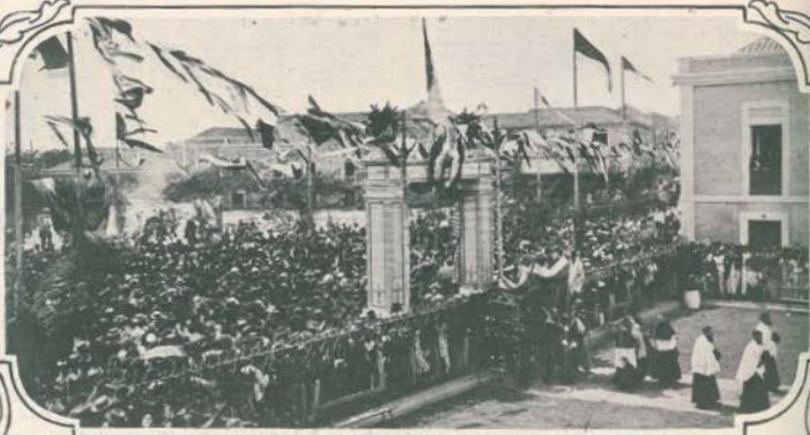


COMPLETAMOS hoje a documentação graphica da viagem do Príncipe Real a Angola, inserindo as photographias tiradas em Loanda por occasião do desembarque e recepção de Sua Alteza n'aquella cidade.

O entusiasmo com que a população angolense recebeu a visita do sr. D. Luiz Filippe, e de que os telegrammas e cartas recebidas deram circumstanciada noticia, e o brilhantis-



*A' porta do palacio do governador: o porteiro e uma sentinella indigena—Chegada de S. A. á ponte da capitania—Vista do cortejo da ponte para a igreja*



mo das festas realizadas em sua honra, são fáceis de avaliar pelas ilustrações que publicamos.

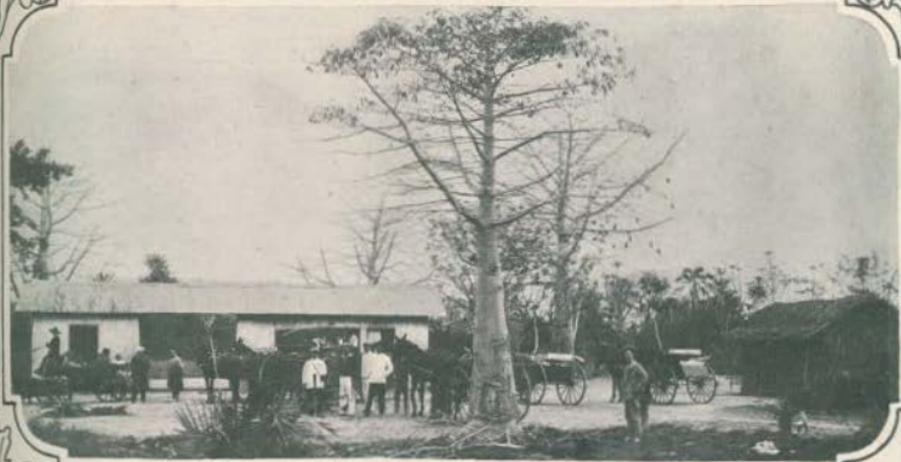
Como dissemos já, o Príncipe Real fez uma excursão ao Alto Dande, com o fim de visitar a fazenda *Tentativa*, uma das mais prosperas da provincia. O concelho do Alto Dande, situado entre os rios Bengo e Dande, é um dos mais férteis e tem-se desenvolvido bastante nos ultimos tempos. Além d'isso o valle do Dande offerece panoramas de inexcédível pittoresco, sendo as margens do rio todas cobertas de

*O povo aguardando a sahida de S. A. da egreja da Sé onde se celebrou o Te-Deum—Ornamentações na rua Salvador Corrêa—S. A. sob o pallio, da ponte para a egreja*



uma opulenta vegetação tropical, que lhes dá o mais admirável aspecto e uma maravilhosa beleza.

Duas das photographias que publicamos n'este numero, tiradas na digressão ao Alto Dande, reproduzem vistas de Sassalêma, situada a meio do caminho.



*Sassalêma (Patrulha), a meio caminho do Alto Dande. Uma caçada aos jacarés. (Grupo tirado no expresso)—O gabinete do Príncipe no palácio do governo—No regresso do Alto Dande: vista de Sassalêma e carro com S. A., o ministro da marinha, o governador geral e o coronel Antonio Costa*

# S. SALVADOR DO MUNDO

## A GRANDE ROMARIA DA BEIRA ALTA



ro, a soluçar agora a dôr dos seus habitantes, feridos de morte pela mais cruel das crises. S. Salvador ergue-se a mais de 500 metros acima do nível do rio. Deixa-se o comboio no afogeedo apeadeiro d'Alegria, passa-se o Douro na barca do «Cachão» e, até ao alto, conduz um bem lançado caminho aos zigzagues a vencer a declivosa encosta onde a vinha ainda se abraça esperançosamente.

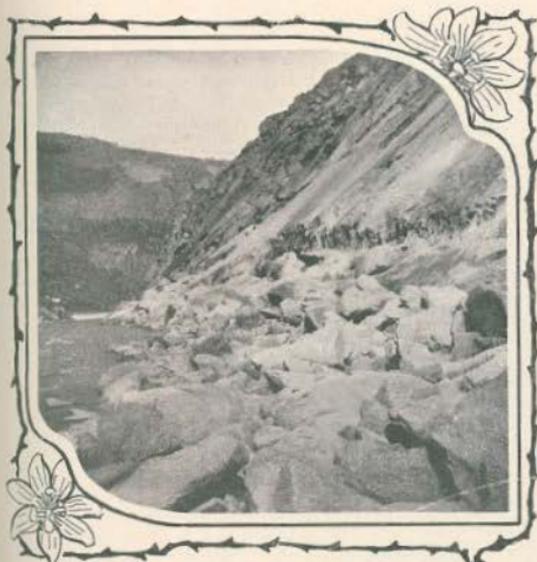
A' medida que a ascensão se faz, o horizonte, até ha pouco confinado pela margem a subir aos ceus, vai deixando vêr o rio turvo a cingir, como um fabuloso leviathan, outras fortes descidas onde só, por entre crestados fragedos, frageis gramineas ostentam os loiros cabellos das suaz hastes resequidas e pobres. Mas o sol é impenitente: forma e ergue deante de nós tremuras asphyxiantes a ondular, áquella hora ardente do dia, nos olhos presos pelo desejo de gravar em breve os aspectos unicos das

**M**AIS bella é sem duvida Cintra, toda louça, na frescura sem igual das sombras romanescas das formosas avenidas que levam até á Pena altaneira d'onde se avistam na costa as ondas do mar a rolar em mansas na areia fulva. Tem mais encantos o Bussaco grandioso, na mysteriosa ramaria de floresta virgem a envolver de gracil deileite o monumento mais precioso e elegante de moderno-manuelino que existe no paiz. Do Bom Jesus, o olhar encantado perde-se pelos campos esmeraldinos que cercam a cidade dos arcebispos d'um esmalte delicadissimo, sempre feliz e immorredoiro. Porém, a todos esses apraziveis logares de reconhecida fama para descansar os nervos feridos pela cidade no labutar doido da vida ou para deliciar o espirito no culto consolador da Terra, sobreleva, quanto a rudeza, quanto a ineditismo, e mesmo quanto a imprevisto, S. Salvador do Mundo, pedaço de natureza agreste abrupta onde o acanhado mas reverente culto á divindade instituiu o mais estranho dos sanctuarios!

E' que a creença avassallante, de braço dado com a lenda engrandecedora, procurou sempre, desde seculos, o alto dos montes mais empinados e toscos e o reconcavo dos valles mais soturnos e tristes para lá fazer moradia de Deus, como homenagem e como orgulho! E foi assim que os mais ingenuos, primitivos e rusticos architectos foram construir a casa de Deus e a morada de santos no cimo do monte mais aspero de penedia que ha em todo o tortuoso valle do Dou-



S. Salvador do Mundo: uma das capellas  
—A entrada do sanctuario  
—O tunnel de Cachão, na linha do Douro



O cachão da Valleira: o caminho dos marinheiros

toscas e brancas ermidas que, por entre fragões cyclopicos, mancham o azul purissimo dos altos ceus soberbos. O rio, lá em batxo, vae-nos parecendo um veio triste d'agua barrenta e já se vêem, desafiando os seculos, os cabeços nus e desolados dos concelhos limitrophes, accidentes ingremes da orographia transmontana e beirá, barreiras inaccessiveis onde só homens duros como aço podem viver fortalecidos pela cultura miseravel da terra ingrata e má!

Uma grande hypertensão arterial provocou-nos forte tachicardia, com o exercicio violento da subida, terminada só quando, cheios de sede, nas portas do Eremiterio démos repouso demorado ao coração oppresso. Só passado tempo é que os olhos poderam alongar-se pela paisagem de miseria na vegetação rachitica e pelo panorama de luto que se desdobra-va pelos penhascos escuros e queimados de sol das ermas serranias!

Uma azea estreita leva ás capellinhas, ao todo mais de dez e escalonadas pelo monte arriba. Por entre rédes defesas ou oculos escuros, a vista descobre a custo imagens de cruel esculpturamento, ingenuas no amaneirado bronco da enxó que as creou, berrantes na viveza do colorido cafreal do pintor sertanejo. Caiadas de fresco por fóra, as moradas devotas dos toscos santos mais parecem pombaes onde vissemos, para esvoaçarem nas alturas, bandos de pombas selvaticas.

Fileiras hirtas de duros sobreiros rugosos de tronco e de cuja ramagem pendiam ainda os restos dos «copinhos» da iluminação do arraial formam as avenidas irregulares que conduzem até ao alto desejado e appetecido.

Se, no Bussaco, os cedros decoram a

paisagem com o fino arrendado das suas tolhas imbrincadas causando tristeza, e os carvalhos do Bom Jesus en-sombram magicamente com a sua folhagem symbolica e recortada—os sobreiros do morro de S. Salvador do Mundo são typicos, pois definem bem a feição bravia d'este local alpestre.

O eremita boçal que lá vive foi-nos mostrar, solícito e ganancioso na sua «philosophia» de guarda dos deuses todas as capellas e sitios notaveis do santuario. Levou-nos aos interessantes «Penedos de Judas», d'onde seguimos para a «lura» onde está Nossa Senhora da Lapa, por um caminho ingreme, aos degraus estreitos, ladeado de giestas, todas cheias de nós feitos na rama, porque quem n'ellas der um abraço com a mão esquerda a andar, n'esse mesmo anno por força ha de casar!

E' uma lenda pittoresca do sitio. Fomos vêr a capella de Nossa Senhora da Livração n'uma caverna escura e cheia d'aranhões pernalongos; subimos á de Nossa Senhora da Graça, a mais elevada, d'onde a vista então se espria no mais desolado dos lances que compun-ge até ao dô e que penalisa a mais não poder ser... São, a perder de vista, cimos duros de montes despídos, agulhas talhadas na rocha plutonica e cristas aguçadas formando vertiginosas escarpas quasi desertas, nos concelhos de Alijó, Carraxeda e Moncorvo, e fundas ravinas ondeantes da vizinha Pesqueira. De S. Salvador e na direcção d'esta villa, descobre-se n'um valle nostalgico, de recolhido enlevo, a matta enorme e umbrosa da conhecida Quinta de Sidrô a circumdar o solar apalaçado e



O cachão da Valleira

fidalgo onde nasceu o sr. marquez de Soveral, sem duvida pelo seu talento, fino trato e distincção, o mais illustre diplomata portuguez.

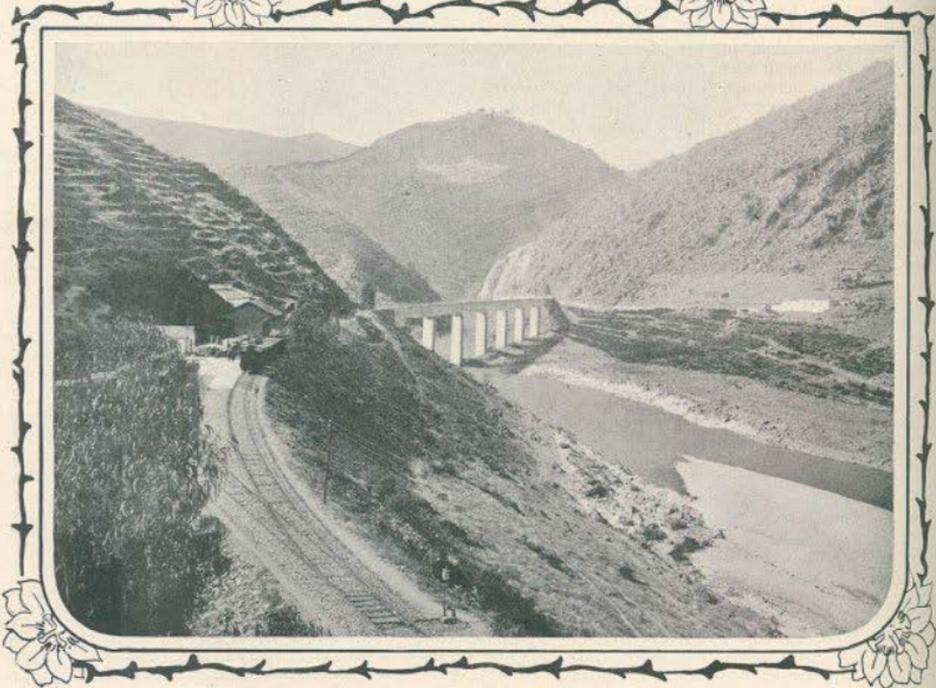
Todos os annos, no *Corpo de Deus*, S. Salvador tem a sua romaria. Foi este anno uma «função» rija. Veiu gente de longes terras; houve descantes toda a tarde e toda a noite; dançaram modas ingenuas curiosas raparigas espadadas e moçetes rijos como hercules. Musicas desafiaram as quebradas com os seus metaes ensurdecedores. Verdadeiro paganismo fundamentalmente arreigado por um atavismo indestructivel são as romagens christãs.

— Este anno, apesar do vinho estar barato, não houve «barulhos», foi uma festa de soce-

go—dizia-nos a mulher da barca, ao passarmos no rio...

De S. Salvador avista-se o mais desolado dos panoramas. Se baixarmos os olhos do horizonte deserto, de misero cultivo e de inhospita e escabrosa agrura e nos debruçarmos na riba granitica da penedia que a prumo se desprende sobre o rio n'uma rampa vertiginosa e severa—a vista como que se nos varre e foge pelo horrivel do sitio!

S. Salvador do Mundo foi fundado em 1594 por Frei Gaspar da Piedade, diz a lenda, em cumprimento d'um voto por salvacão d'um naufragio imminente; e o frade, como promessa, foi depositar as reliquias



*Os penedos de Judas*

—A estação da Ferradosa: ao fundo, S. Salvador do Mundo

que de Roma trouxe no cimo do monte superior ao celebre cachão da Valteira que n'aquelle tempo era inacessivel e formava um abysmo tão apertado que só as cabras destemidas saltavam d'um lado para o outro! Tal é a lenda, que vale o que valem as lendas, nmas vezes muito e outras bem pouco ou até nada.

N'esses fraguedos, hoje desfeitos pelo camartello dos homens, que sob a direcção do padre Camello levaram 12 annos a completar, e obra difficil para o tempo, houve, diz Contador Argote, uns caracteres indecifráveis assim como uma caverna em forma de sala com assentos abertos no granito. Hoje, o leitor pôde vêr, das modestas photographias ineditas juntas, a linha occupada pelas rochas agora desfeitas e por cima o letreiro celebre com um espadim de ferro dizendo:



*Capella n'uma gruta*

bata segue quando, para alar o barco, vac prender a corda ao sarilho na parte de cima do formidavel cachão.

A rocha d'este lado é tão lisa e de tão mau trabalhado que, no espaço de 10 metros, ha cravadas n'ella barras de ferro por onde os marinheiros, sobre o refervir das aguas, saltam com risco da propria vida! A efflorescencia granitica



*Avenida da Entrada*

IMPERANDO



D. MARIA I

SE DEMOLIO O FAMOSO ROCHEDO  
QUE FAZENDO AQUI  
UM CACHÃO INACCESSIVEL  
IMPOSSIBILITAVA A NAVEGAÇÃO  
DESDE O PRINCIPIO  
DOS SECULOS DUROU A OBRA  
DESDE 1780 A 1792

Na margem ha de notavel o caminho aberto nas rochas escorregadias onde vivem ziros selvagens a esvoaçarem—carreiro que a maruja destemida e acro-



*O cachão da Valteira, o sitio do letreiro. A linha de corte*

que as forças geogenicas formaram, vai sem transição d'um lado para o outro e, se o cachão levou tempo a vencer, difficilissimo foi tambem abrir o tunel na rocha viva por onde passa a linha ferrea que margina o Douro poderoso.

Visto do rio, S. Salvador do Mundo, agreste e colossal, causa impresso indelevel: os penedos cobertos de lichens escuros, formando cavernas e ambitos profundos, parecem cahir sobre nós, suspensos por milagre, quasi a rolar pelo despenhadeiro onde apenas mirradas e esporadicas plantas estendem folhas desmedradas e rusticas.

Entretanto, aos turbilhões rapidos na geleira do cachão, a agua tumultua, como n'uma prece interminavel, o seu pavor, com ondas quasi como as do mar. Causa assombro aos menos tímidos a entrada augusta d'esta formidavel garganta, toda erriçada de medonhos penhascos, d'um lado escorregadios, nús e descarnados, do outro austeros e titanicos a formarem o serro de S. Salvador do Mundo.

E que terrivel passo não é esse! o auctor do *Portugal Antigo e Moderno* escreve: «Apezar do rompimento do cachão do Salvador do Mundo ou da Valleira, a passagem d'este ponto, que é facil e sem risco nas aguas baixas, torna-se perigosissima, e por vezes impraticavel nas enchentes do rio, por causa da corrente impetuossissima a que a estreiteza do rio obriga as aguas que aqui refervem com fragor medonho, aterrando o navegante, por mais intrepido que elle seja. Por muitas vezes, enormes rochedos se desprendem d'estas ribas alcançilladas, e, precipitando-se no rio, criam n'este logar novos perigos á navegação, e tem causado bastantes naufragios, e a morte de muitas pessoas, sendo uma d'ellas o barão de Forrester.» Effectivamente

o insigne viticultor morreu afogado n'este sitio.

Esse mesmo Douro, que elle tanto amou e sobre que tanto escreveu, sorveu-o, n'um dos momentos de colera furiosa da catadaga do cachão, offerecendo-lhe o seu leito para sepultura.

Tal é a historia temerosa d'esta difficil garganta que fórma o limite do Douro superior, e onde todos os audaciosos barqueiros do rio passam cheios de receio, mudos de assombro e de medo, descobrindo-se com viva fé diante do braço e alpestre sanctuario e pondo a sua sorte incerta nas mãos mizericordiosas do Salvador do Mundo. E que do barco que ali se desfizer de encontro á penedia todos os homens podem considerar-se sem permissoão perdidos se um auxilio milagroso os não salvar: a rocha, perpendicular e lisa, não tem anfractuosidade que lhes offereça o mais estreito abrigo, sem relevos a que se agarrem com a força duplicada pelo desespero, para aguardar a chegada de um phantastico socorro, tão problematico e tão duvidoso que não resta memoria de ter alguma vez escapado um desgraçado que o barco lançou ao cachão.

Mais deleitoso o Bom-Jesus, mais aprazivel o Bussaco, mais amorosa Cintra encantada: ninguém o duvida.

S. Salvador do Mundo prova mais fortes sensações, porque é inhospito, porque é deserto...

Eis no que consiste a sua belleza. Prende a harmonia do duro panorama que de lá se alcança. Ap'isiona o ineditismo do seu caracteristico Esmeriterio. E deslumbra o imprevisto do «Cachão», eternamente a suspirar no seu leito dolorido.

AMILCAR

DE SOUSA



*A capella principal*



*Capella debaixo d'umha clapa*





# O PERCURSO DO RAID

## A CIDADE DE ELVAS



Trecho da cidade, do lado das portas de S. Vicente

A mui nobre e leal cidade d'Elvas, baluarte da independencia portugueza, sentinella vigilante collocada na raia hespanhola, é, a despeito da cinta de escuras muralhas que parece asphyxial-a no seu poderoso amplexo, uma povoação risonha, alegre e clara, toda ella a reflectir nas suas brancas paredes o faiscante sol da terra alemtejana, verdadeira terra de fogo n'esta ardente quadra do estio.

Foi sempre uma cidade militar, em todos os larguissimos periodos de convulsão politica por que tem passado a peninsula hispanica, mercè da sua posição geographica excepcionalmente importante, sendo os seus habitantes dos que mais vivos conservam ainda hoje a tradição e o espirito guerreiros, como attestas, n'esta longa quadra de tranquillidade e de paz, as qualidades notavelmente raras dos seus filhos que pertencem ao exercito.

Mereceu esta cidade especial disvelo dos governos emquanto poude ser considerada uma praça forte, onde vinha quebrar-se a furia das ondas invasoras; e assim é que ella foi successivamente dotada de quatro cinturas de muralhas, as primeiras duas presumivelmente de feitura arabe, outra de El-Rei D. Fernando e outra ainda, a actual, abaluatada, de D. João IV. Actualmente, como os progressos da guerra quasi lhe inutilisaram o valor, tem a sua guarnição, que chegou a ser de 6:000 homens, sido successivamente reduzida, constando hoje apenas de um grupo de artilharia de guarnição, um regimento de cavallaria e um batalhão de caçadores.

Possuiu tambem Elvas um bispado, que foi instituido por Pio V, a instancias

de El-Rei D. Sebastião, mas que o papa Leão XIII extinguiu ao fim de mais de tres seculos, por assim lh'o ter pedido o governo portuguez!

Decaiu, pois, do seu esplendor antigo a gloriosa cidade.

Mas não parou, felizmente no seu progresso material, e a esforçada energia dos elvenses apenas se orientou n'outro sentido, fazendo da sua terra um dos mais importantes centros agricolas do paiz, pela sua riqueza, que augmentou enormemente, e pela revolução profunda que n'ella soffreram os processos de cultura, sob o formidavel impulso da methodica experimentação franceza e italiana.

São hoje as herdades d'Elvas as que cultivam mais finas castas de trigo, cuja produção só pode ser acompanhada pela dos campos de Beja; e, parallelamente, é tambem Elvas uma das principaes regiões productoras de gados, em que particularmente se distinguem os seus cavallos, finos e nervosos, unicos a meu vêr que poderão regenerar as abastardadas raças portuguezas, se essa regeneração ainda é possível e conveniente.

Este aspecto da industria agricola elvense, em que os progressos se comecam agora a accentuar, basta para justificar o entusiastico alvoroço com que Elvas recebeu a noticia da intelligente iniciativa da *Illustração Portuguesa* para a realisação do *raid* hippico, e a boa vontade e promptidão com que acudiu desde logo a affirmar-lhe o seu concurso.



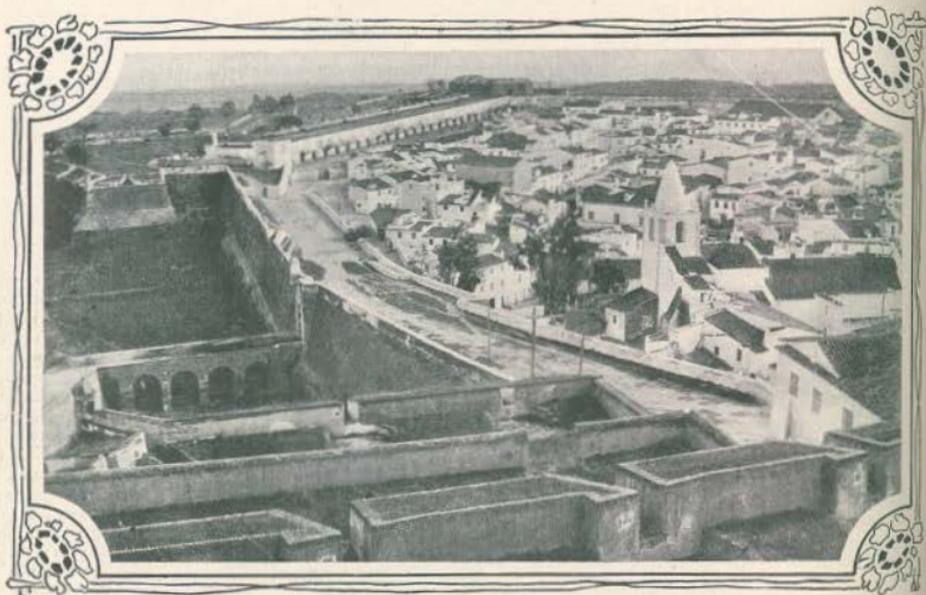
Igreja de S.

Possue Elvas varios monumentos, dignos da attenção dos eruditos pelo seu valor historico e merecedores do apreço dos artistas pelo logar que occupam na arte portugueza.

As muralhas, notavel obra da escola de Vauban, estão perfeitamente conservadas e são um digno monumento da nossa epoca da Restauração. A parte mais baixa da cidade, bairro de S. Vicente, é defendida, exteriormente á cintura geral, por importantes obras avançadas de fortificação, conhecidas pelo nome de *Obra Corôa*. O castello d'Elvas, anterior ás muralhas, foi já considerado monumento nacional e apenas espera umas pequenas reparações que evitem o seu possivel desmoronamento futuro.

doze columnas. E' parecida, mas muito mais grandiosa, com a igreja de Santo André de Mafra (*V. Abmada*), é tão ampla, que n'ella ouviu missa toda a guarnição d'Elvas por mais d'uma vez. A capella-mór, das mais formosas obras que Elvas abriga em seus muros, é polygonal e não está symetricamente collocada em relação ao eixo longitudinal da igreja, antes se vê inclinada para um dos lados, parecendo querer figurar-se a inclinação da cabeça do Salvador na cruz. Possui este templo alguns quadros valiosos, representando a Anunciação, o Presepio, a Adoração dos Reis e a Apresentação no Templo. A sua construção, e creio que a do respectivo convento, hoje quartel d'artilheria, remonta ao principio do seculo XIV.

A igreja das freiras de S. Domingos é sem duvida



*Outra vista da cidade, comprehendendo parte da fortificação chamada «Obra Corôa»*

Tem Elvas apenas tres portas principaes—Oliveira, S. Vicente e Esquina—e nma poterna, por onde se faz todo o enorme transitio que a cidade exige; tem ainda outras poternas, mas que se conservam fechadas, injustificadamente.

A porta d'Oliveira, por onde se faz a maior parte do transitio, é manifestamente insufficiente, sendo vulgar vêr-se um trem 15 ou 30 minutos á espera de que a via esteja desimpedida. Seria de incontestavel utilidade quee ao lado d'aquella fôsse aberta outra porta, o que em nada damnificaria as muralhas e constituiria um beneficio de vulto para a povoação, bem como o franqueamento ao publico das poternas fachadas.

Das varias igrejas d'Elvas as mais notaveis são a Sé, cuja capella-mór (Nossa Senhora da Assumpção) um encanto, a de S. Domingos e a das freiras de S. Domingos, junto á Sé.

A igreja de S. Domingos é um bello e espaçoso templo de tres naves, de abobodas sustentadas por

o mais formoso templo da cidade. E' uma pequena capella octogonal, de estylo Renascença, com suaves resaios da architectura arabe, cuja influencia se fez durante muito tempo sentir no sul de Portugal. A sua cupula assenta sobre oito columnas de marmore, de uma gracilidade como só se vê nas obras finamente trabalhadas pelos grandes mestres, e é formada, nas suas partes planas, de marmore branco lavrado com ornatos grandiosos.

Estes marmores, assim como as columnas, estão pintados e dourados. As paredes da igreja são revestidas de azulejos do seculo XVII, em que predominam as côres amarella e azul. Foi construida em 1543, na sua forma actual. Tem um pequeno pelito com um lindo peitoril de ferro forjado.

Como reminiscencia do antigo bispado d'Elvas, existe hoje junto á Sé a sala do cabido, toda em estylo Luiz XV, sendo dignos de nota o apostolado, em magnifico marmore de Carrara lavrado, e as bancadas.



*Igreja das freiras  
de S. Domingos*

Das diversas sociedades de recreio que Elvas tem, destaca-se o Club Elvense, que possui uma casa magnifica, propriedade sua. Além do terraço, estancia aprazivel para as tardes de verão, possui o club uma sala elegantissima, toda Luiz XV, em que a sumptuosidade e o bom gosto se ligam n'uma deliciosa harmonia. As paredes do salão, todo em estuque branco, são revestidas de espelhos e graciosos *panneaux* de pintores conhecidos.

As fontes da cidade são abastecidas pelo aqueducto da Amoreira, monumental arcaria que se estende n'um percurso de sete kilometros. A sua construção, tão cortada de incidentes, foi iniciada no principio do seculo XVI, talvez 1529, e foi originada na falta de agua que em fins do seculo XV se notou no poço de Alcalá, principal manancial que Elvas possuia a dentro dos seus muros. E' digna de nota, pela sua architectura, a fonte de S. Lourenço, cujo plano foi desenhado por Val-

leré, o constructor do forte da Graça, mas que ficou incompleta, presume-se que por despeitos de aquelle architecto. E' do seculo XVIII.

Actualmente, e posto que os seus arredores sejam abundantes em agua, lucta Elvas com uma pronunciada falta de agua potavel, mercê das estiagens prolongadas que tem caracterizado os ultimos annos. A camara municipal, porém, ajudada por outros dos seus conterraneos, trabalha no sentido de obviar a esse gravissimo mal e esperamos que em breve a crise seja vencida ou pelo menos notavelmente attenuada.

Possue Elvas dois jardins, um da Praça, nos fossos, e outro municipal, extra-muros. Este ultimo é de construção recente e assenta n'um solo uberrimo, como demonstra o desenvolvimento rapido do seu formoso arvoredo e flores.

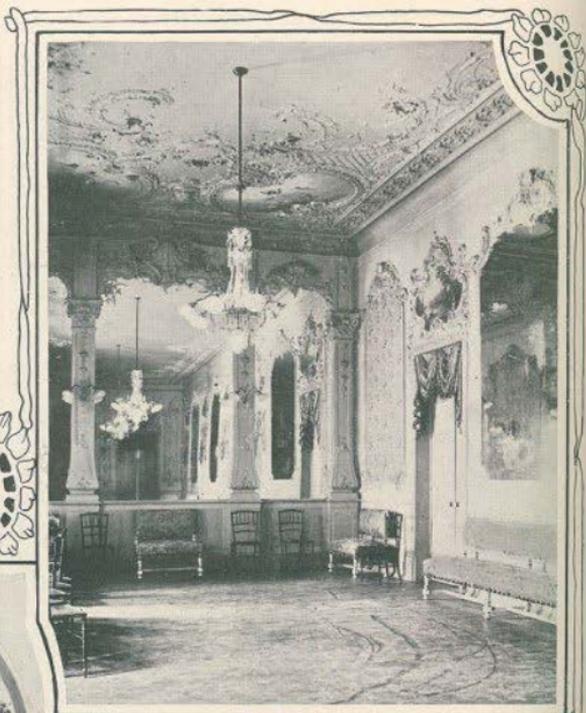
A' distancia d'um kilometro da cidade, indo para o poente, por uma estrada magnificamente cuidada



*Fonte da Fé na Piedade*

e arborisada, encontra-se o mais bello dos arredores d'Elvas: — é o Senhor Jesus da Piedade, onde se acha construída a igreja do mesmo nome, extraordinariamente concorrida por portuguezes e hespanhoes.

Do illustre escriptor e meu amigo Thomaz Pires transcrevo a descrição do templo: «E' modesto e simples o templo, mas alegre e elegante, extremando-se notavelmente de todas as igrejas ruraes da provincia pelo seu inexcêdível asseio. Tem tres excellentes capellas de bem lavrados e polidos marmores, trabalhados pelos mestres de cantaria da magnifica obra do convento de Mafra: na do centro venera-se uma perfeita imagem de Jesus crucificado e nas collateraes expõem-se á veneração dos fieis dois quadros a oleo de Cyrillo Wolkmar Machado, representando o da direita S. Pedro apostolo e pe-

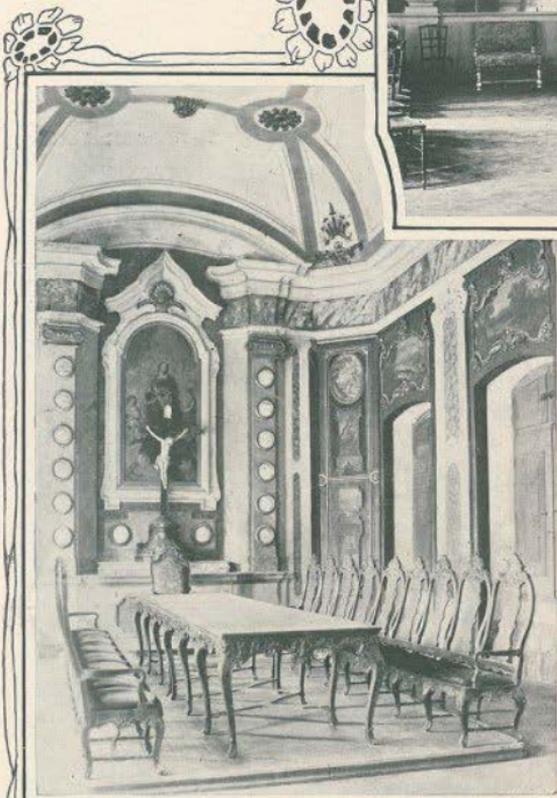


*Sala do Club Elvensê*

nite, e o da esquerda o da Virgem Nossa Senhora, com o titulo de Graça. A imagem de S. Pedro passa por ser um dos melhores quadros religiosos de Cyrillo Machado.

A edificação, de uma só nave, é do seculo XVIII, e foi feita sob os auspicios do bispo d'Elvas D. Balthazar de Faria Villas Boas e Sampaio, que solemnemente benzeu e assentou a primeira pedra aos 11 d'agosto de 1753. E' desafogada e agradavel a architectura, conservando em toda a sua disposição uma harmonia de linhas que faz honra aos artistas que a ergueram.

Simple mas elegantissimo o interior do sanctuario, provocando pela sua nota alegre e suavissima, não a oração triste, pesarosa, cheia de lagrimas de penitente, mas a prece confiante, esperançosa; e talvez d'aqui provenha conservar-se ainda, n'esta epoca de indiferença



*Casa do antigo cabido*

religiosa, a extraordinária devoção do povo elvens, quasi tocando as raia do fetichismo, pela imagem do Senhor Jesus da Piedade, collocada no altar-mór, rançado este mesmo povo de orar nos templos desconfortaveis, tristes e severos que por ali existem.»

Com effeito, difficil é imaginar uma fé mais viva e constante do que a dos povos d'esta região pelo Senhor da Piedade.

Ali accor-

re, não só toda a população d'Elvas, de qualquer classe, mas ainda a das povoações e concelhos limitrophes, e da raia hespanhola, que vem depôr aos pés do Crucificado o preito da sua fé na bondosa omnipotencia d'Elle e da sua gratidão pelos immensos beneficios que Elle concede sob as formas mais variadas e imprevistas.

E' muito importante a romaria que todos os annos ali se rea-



Capella-mór da egreja de S. Domingos—Fonte de S. Lourenço

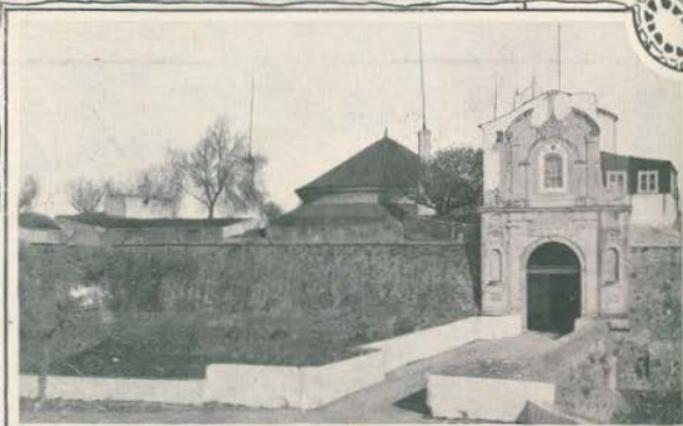


fez a grata impressão que tinha colhido ao passar por ali.

O forasteiro, a quem os costumes e tradições locais interessam, encontrará, igualmente, em Elvas muitos motivos dignos da sua atenção e curiosidade. O folclore alemtejo é um dos mais opulentos do paiz, como o demonstrou a indefessa e intelligente exploração realisada por um dos nossos ethnologos

lisa, ao mesmo tempo que a feira de S. Matheus (20, 21 e 22 de setembro). É porque assim o comprehendiram, intelligentemente, os membros da confraria, teem constantemente modificado o local, a ponto de hoje, com o seu bello parque, o terem tornado um dos mais encantadores do paiz.

Ainda ha pouco El-Rei, quando veiu a esta cidade, mani-



mais devotados, o sr. Thomaz Pires. O seu thesouro de canções, de romances e de contos parece inexgotavel. As romarias alemtejanas, se não teem a viveza e o colorido das minhotas, offercem, porém, uma feição propria que as torna, por isso, bastante interessantes. O meio rude em que vive, imprime ao homem do Alemtejo um caracter particular, que

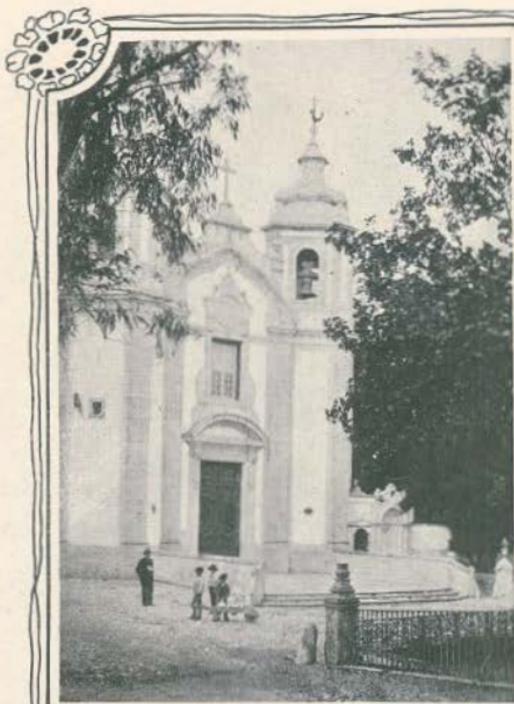
Um trecho do jardim municipal  
—Portas da Esquina e patol da Senhora da Conceição  
—Ageducto da Amoreira

naturalmente se reproduz na vida regional. O alemteiano, cuja estrutura a atmosfera sêcca da provincia determina, do mesmo feição que a existencia na planicie lhe fórma a modalidade psychologica, diferente da do transmontano e da do beirão, como das dos outros homens de Portugal, constitue um dos mais bellos typos peninsulares. O grande pintor inglez Sargent, que viajou por toda a Hespanha e depois por todas as provincias do nosso paiz, ficou surprehendido com a belleza masculina e viril dos admiraveis typos que encontrou no Alemtejo, affirmando serem os mais perfeitos que tinha encontrado em toda a peninsula.

O trabalho duro dos campos, sob a ardença do sol que queima, torna-o, de certo, menos poetico e idealista que o miraboto, menos alegre que o algarvio, em que a proximidade do mar influe, mas faz-o tambem forte e solido, e, sob o ponto de vista artistico, admiravelmente construido.

Elvas, VII: — 1907.

ANTONIO CIDRAES.



*Igreja do Senhor Jesus da Piedade  
— Parque do Senhor Jesus da Piedade*

(CLICHÉS DO AMADOR PHOTOGRAPHICO MANUEL CAYOLLA)

# DUPLO RAID HIPPICO NACIONAL

PROMOVIDO PELA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA



Os membros da grande comissão que assistiram á primeira reunião

No primeiro plano (da esquerda para a direita): Conde de Fontalva, conselheiro Alfredo Carlos Le Coq, tenente coronel Alfredo de Albuquerque, Salvador Gamito, Francisco Teixeira, conde de Figueiró, José de Mello (Sabugosa), tenente coronel Ilharco.

No segundo plano (da esquerda para a direita): Alberto Monteiro, Antonio Caldeira, major Fernando Lurcher, capitães Carvalho da Costa e Cruz e Oliveira, José Pulha Blanco, Iodo Fletcher, Pinto da Cunha

No terceiro plano (da esquerda para a direita): Capitães Rocha e Sá, e Aivim e Ruy d'Andrade

(CLICHÉ DE RENOLIEL)

# A NOSSA TERRA

## As festas de Villa Nova de Oliveirinha



de si; fóra da Beira Alta, poucos saberiam mesmo que existia. Um bello dia, porém, quasi de surpresa, a velha e mesquinha povoação, que parecia condemnada a nunca sahir do olvido em que até então vivera, recebe os fóros de villa, e, impulsionada de desejos ambiciosos, começa a transformar-se, empenhando-se com afincio em fazer-se guapa e gentil. Possuindo já prediccados naturaes, a que desdenhára dar relevo, não lhe foi difficil, de resto, com a tenacidade que pôz na sua nova idéa, realizar o desiderato que almejou. Abriu novas ruas, mais



*Fachada do Asylo de Invalidos—Os Sunhos, penhascos e quedas d'agua ao fundo da villa*

A actual Villa Nova de Oliveirinha era ainda ha bem poucos annos uma pequena e insignificante povoação do concelho de Taboá, mantendo o caracter de inerte ancianidade da maioria das localidades beirãs. Encravada entre Matões e Oliveira do Hospital, nas faldas da Serra da Estrella, nunca alcançára, ao contrario das suas vizinhas, qualquer genero de nomeada. Ninguém falava d'ella, nem ella dava que falar



*Grupo de asyladas á porta do asylo  
—Escola do sexo feminino da Oliveirinha*



*Solar da família  
Horta*

largas, para serem á vontade illuminadas pelo sol e varridas pelo ar sadio, que desce purificado do alto das montanhas; construiu novas casas, sem o ar soturno e o desconforto das outras velhas habitações, caiadas, graciosas, com um feitiço moderno. Tornou-se, enfim, garrida a valer, e hoje é ou-



*O carro do cortejo e as bandeiras das escolas*

obras do edificio começadas em julho de 1906 ficaram concluidas em maio de 1907, e o asylo pôde começar a funcionar desde o mez passado, dando já albergue a 11 invalidos. As solemnidades religiosas, o arraial popular, o bado infantil, o cortejo civico, tudo se realisou com o maior brilho que a nova villa, justamente orgulhosa de si, podia imprimir-lhe, e durante dois dias as suas ruas regorgitaram de bulicio, de alegria, de



*Um canto da camarata «Antonio  
da Costa», para homens*

tra, completamente diferente, vantajosamente mudada, fresca, risonha e graciosas.

Foi para celebrar esta transformação, que tanto enaltece a iniciativa dos seus habitantes, e para se mostrar, com legitima vaidade, rejuvenescida, alindada, na sua *toilette* nova, que a Oliveirinha preparou as recentes festas a Nossa Senhora de Lourdes, coincidindo com a inauguração do seu Asylo de Invalidos, que a dedicação de alguns benemeritos conseguiu construir e estabelecer em condições de assegurada manança.



*Um canto da camarata «Rainha D. Amelia»:  
uma cega e uma paralytica*



*Luís Horta e Costa, com parte da villa ao fundo*

vida, de communicativo enthusiasmo, no meio de uma inusitada concorrência de forasteiros, atraídos não só pelo pregão da grandiosidade das festas, mas também pela curiosidade de ver a nova villa entrada no caminho de um tão rápido florescimento.

Não devemos deixar de acrescentar, porque o exemplo é excepcional, que todos os

atravazada o *labor amoris* do seu bello espirito. E vendo a obra d'elle e dos collaboradores, que a sua ardente iniciativa e apaixonada propaganda conquistou, — obra do outro dia ainda e já tão valiosa, — comprehende-se bem como é facil sempre o que o coração nobremente emprehende. Este homem, de que é necessario escrever aqui o nome, chama-se dr. Sebastião Horta; e Villa



*Fuente e lavacros publicos*

Nova de Oliveirinha, que elevou já um singelo monumento aos seus patricios benemeritos, não lhe será certamente desagradecida, e tal será o caso de desmentir-se mais uma vez o proverbio doloroso que assegura não ser nenhum propheta na sua terra, alludindo ao feito de verdadeiras madrastras com que a maioria das terras costumam tratar os seus melhores filhos.



*Capella da freguezia (1832) e monumento aos benemeritos da villa*

reentamentos e transformações emissoras da velha povoação heita, encetados ha quatro ou cinco annos apenas, e tão prestemente cumpridos, teem tido como genero suggestionador e incansavel obreiro um homem em cujo coração o sentimento do patriotismo local parece arder n'um fogo inextinguivel, como a sarça de Moyses, e fez por isso do progresso da sua terra modesta e



*Avenida Antonio de Padua, na manhã da festa;*

(CLICHÉS DOS AMADORES PHOTOGRAPHICOS ALFREDO SIMÕES E ADELINO NUNES)

# A COUDELARIA NACIONAL Na Fonte Boa

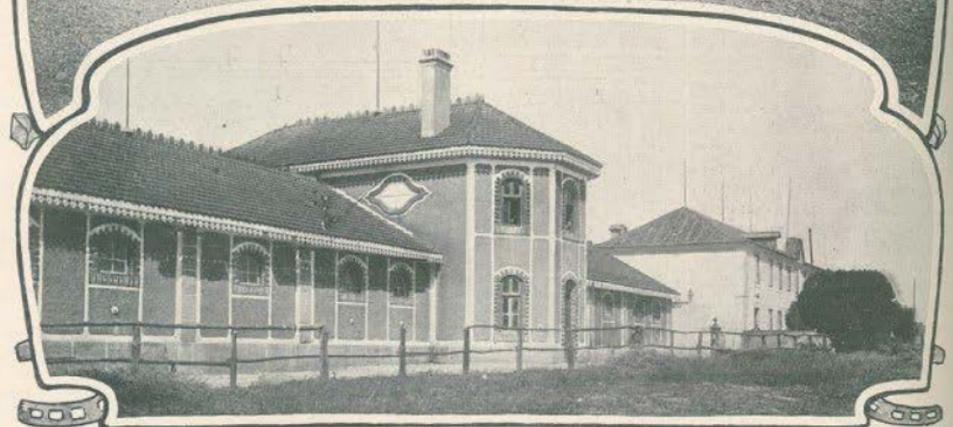
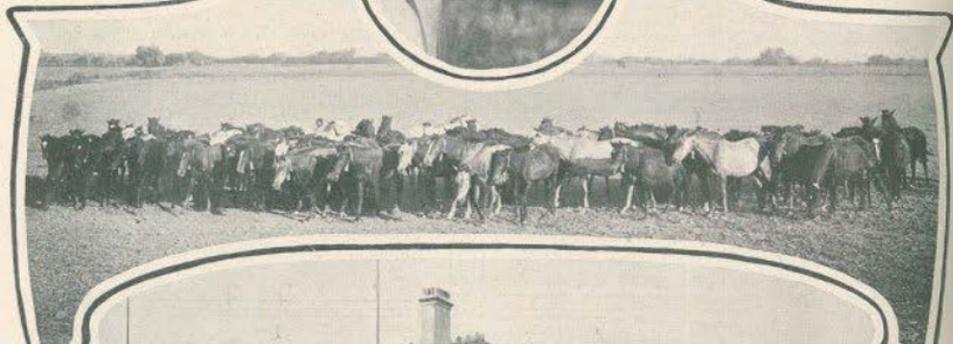


Um ministro das obras publicas que consagrou extremos cuidados á agricultura, e com rasgada iniciativa, que antes não fora ainda attingida e depois nunca foi excedida, se empenhou intelligentemente por desenvolver todos os seus ramos e indus-

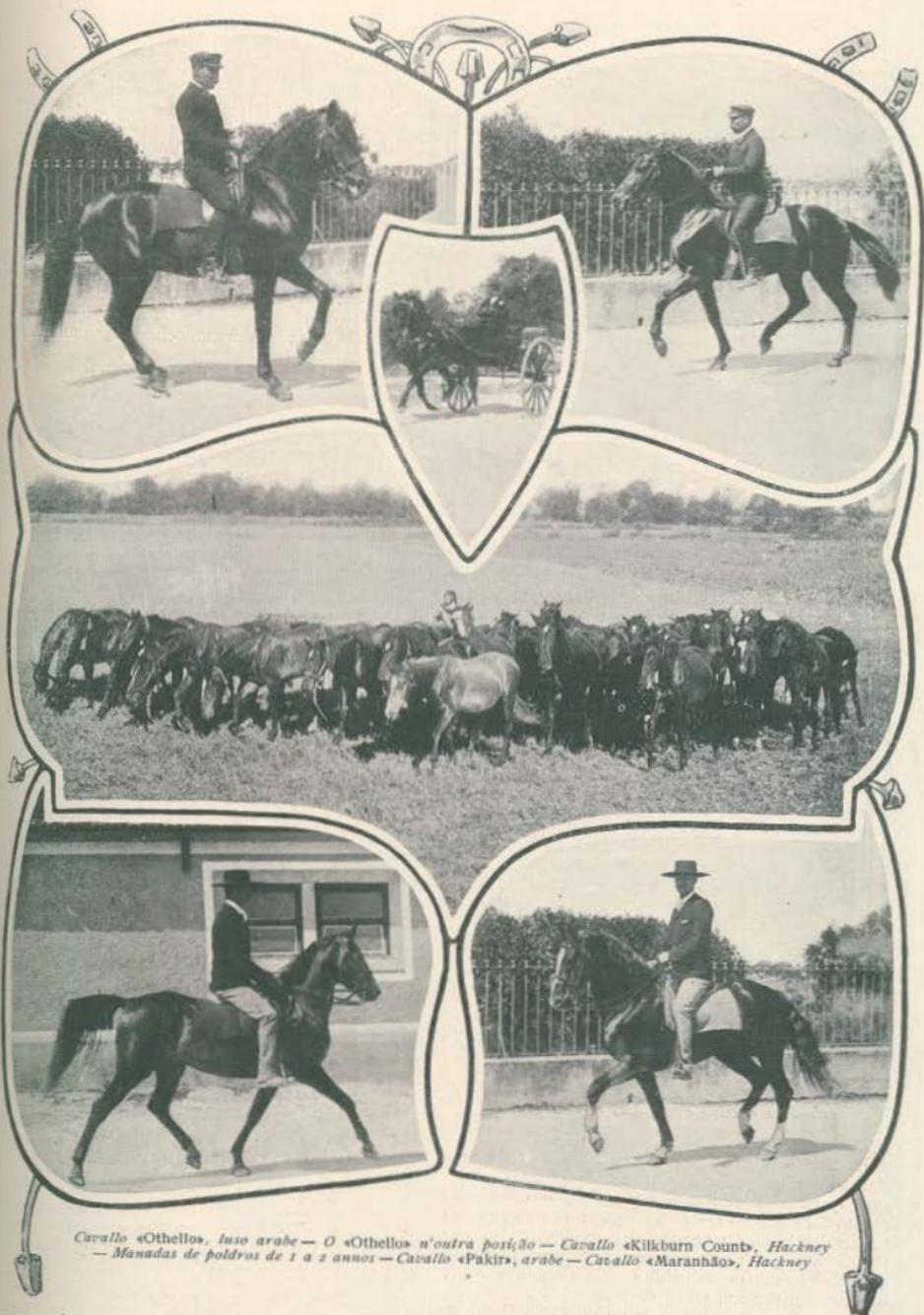


trias, é que creou a Coudelaria Nacional do Sul, cuja installação se principiou em 1887.

A Coudelaria foi estabelecida na antiga quinta da Fonte Boa, na crista da extensa collina que limita pelo lado do norte o magnifico Valle de Santarem, tão gracioso e pitto-



*Picadeiro e cavallariças da Fonte Boa — Nemy, cavallo arabe — Manada de eguas alfeiras e poldros  
— Depósito de cavallos reproductores. Ao lado vê-se o edificio da secretaria  
e residencia do director da Coudelaria*



*Cavallo «Othello», luso arabe — O «Othello» n'outra posição — Cavallo «Kilburn Count», Hackney  
 — Manadas de poldros de 1 a 2 annos — Cavallo «Pakirs», arabe — Cavallo «Maranhão», Hackney*

resco pela sua vegetação espontanea e pelas suas culturas, como pelo opulento curso de agua que o percorre em todo o seu comprimento. Apenas existiam, então, ali, as pequenas accommodações que serviam de construções rusticas da extincta quinta districtal; modificou-se, porém, o que pôde modificar-se, fizeram-se reparações e realisaram-se activa-

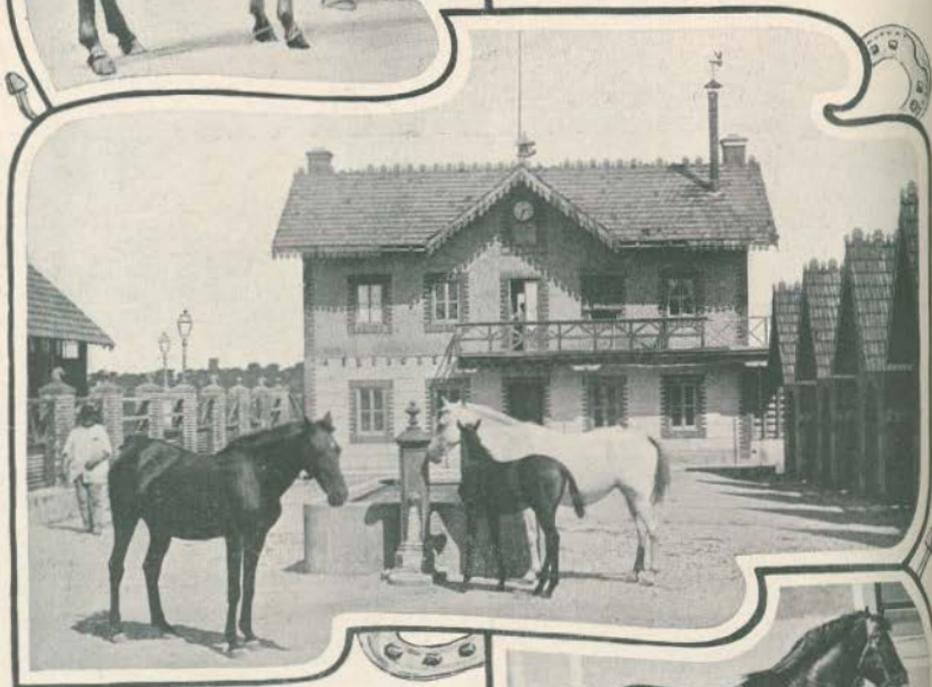
mente algumas installações provisórias que se tornavam indispensaveis e o novo estabelecimento começou a funcionar com 59 cabeças, das quaes 18 eguas e 7 cavallos mandados comprar em Inglaterra. Mais tarde é que se construíram as cavallariças e outras edificações que formam actualmente a Cou-delaria da Fonte Boa.



tratamento dos animais, exercicios de limpeza dos equinos, tratamento dos arreios, noções de equitação e exercicios de montar a cavallo e de cocheiro.

Com notavel previdencia tinha-se pensado em que não bastava alcançar productos hippicos aperfeiçoados, mas que era igualmente necessario obter quem fôsse capaz de cuidal-os e tratal-os convenientemente, dispoendo dos varios conhecimentos indispensaveis para os fazer vingal e tornal-os verdadeiramente vantajosos e aproveitaveis.

O grande plano de reformas agricolas, que esse ministro, com rara energia e indomavel te-



*Cavallo «Quintino», luso arabe, de 3 annos  
Eguas arabes, «Nazly» e «Saada», e poldro «Tariko»*

Destinado a promover o melhoramento da produção equina nacional, n'esse tempo pode dizer-se que quasi absolutamente descurada, o estabelecimento foi dividido em tres secções; a primeira comprehendendo uma manada de eguas de criação, destinada a obter productos selectos; a segunda constituida por um deposito de cavallos reproductores; e a terceira por um potril de recreação.

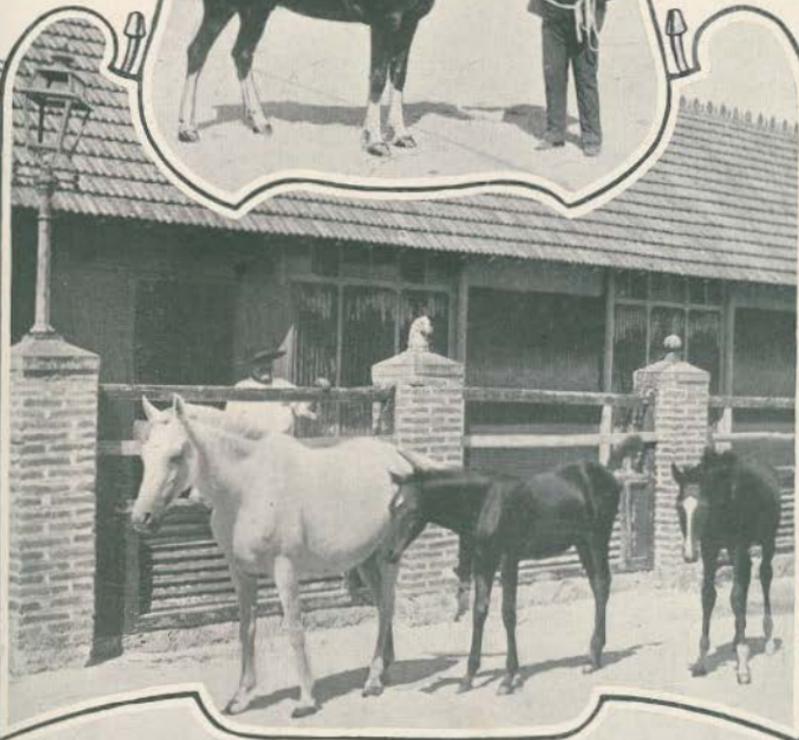
Dois ou tres annos depois de creada a Coudelaria Nacional do Sul, a escola pratica de tratadores pecuarios, que o ministro lhe decretára annexa, contava já 22 alumnos, aos quaes era facultado um ensino especial consistindo em instrucção primaria, conhecimentos geraes sobre hippologia e hygiene e



*Cavallo «Bolsovers», Hackney*

nacidade, conseguiu pôr em pratica, foi depois bastante cercado, umas vezes por leviandade, outras por injusta má vontade. A Coudearia da Fonte Boa passou, naturalmente, por transformações e mudanças varias, como no nosso regimen

official de caprichosa instabilidade acontece a tudo. Mas, felizmente, escapou, talvez por milagre, e por fortuna mante-se hoje em condições de auxiliar, como está auxiliando, largamente, a produção hippica nacional.



*Cavallo «Onsethorpe Squires», arabe — Egua «Nazly», arabe, e poldros «Tarik» e «Tanger»  
— Manada de eguas apoldradas*

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

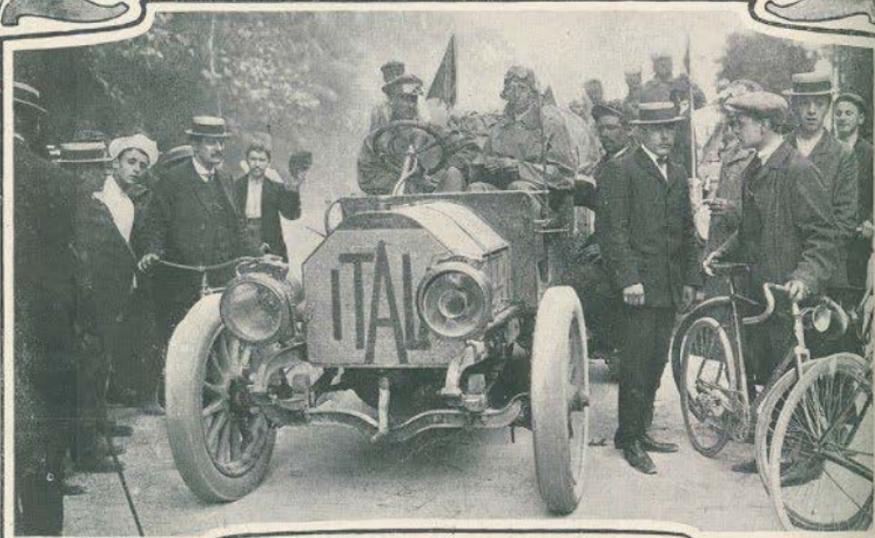
# LÁ POR FÓRA

**O raid automobilista Pekin-Paris**



Todo o mundo do sport acompanhou com o mais vivo e empolgante interesse o grand raid de 16.000 kilometros, de Pekin a Paris, realisado com o mais completo successo pelo principe Borghèse no seu automovel *Itala*, e as ovações excepçioaes que o acolheram na sua chegada a França, desde a fronteira até á capital,

mente no longo caminho a percorrer pela China e pelo deserto de Gobi, os numerosos perigos a que escaparam algumas vezes quasi por milagre; a enorme extensão do percurso feito, tornam, na realidade, o raid Pekin-Paris a mais extraordinaria e gigantesca prova automobilista até hoje tentada.



são ademonstração do enthusiasmo que tão audaciosa prova despertou.

A serie de difficuldades, que o principe e o seu intrepido companheiro de viagem, o sr. Barzini, tiveram de vencer principal-

O raid do principe Borghèse é o maior triumpho do automovel, sem precedente que se lhe assemelhe, e que será, mesmo, difficil de imitar.



# O JAPÃO MODERNO

## DOIS NAVIOS JAPONEZES EM LISBOA



O programma naval do Japão só deve estar completamente realizado em 1914, mas já hoje a grande e admirável nação do Extremo-Oriente dispõe de uma esquadra absolutamente homogenea, tripulada por valentes marinheiros maravilhosamente disciplinados, e possuindo portos e arsenaes esplendidos, entre os quaes os de Yokosuka, de Kure, de Satebo e de Maizuru constituem bases navaes de tal modo protegidas e defendidas que não tem, certamente, muitas que lhes sejam emulas.



No Caeſdas Colmnas: um escaler de bordo—Ministro e secretario do Japão, saindo do Hotel Bragança  
 —Ministro do Japão e esposa, e o almirante acompanhados pelo capitão-tenente sr. Leotte do Rego  
 —O almirante e o seu ajudante, com o sr. Leotte do Rego, visitando os ministerios  
 —Officinas japonezes

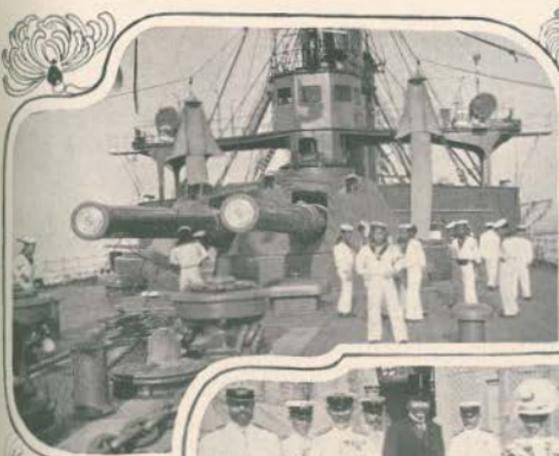


Actualmente o Japão é senhor de cinco ou seis couraçados e de dez ou onze cruzadores couraçados de 1.ª classe como unidades de primeira linha. D'estes últimos é o *Tsu-Kuba*, que com o *Chitone* visitou ultimamente Lisboa, sob o commando do almirante Goro Ijuin.

O almirante Ijuin é um dos officiaes mais prestigiosos da marinha japoneza. Tomou parte nas operações realizadas na ilha Formosa em 1894 e na expedição á China em 1900, e por occasião da guerra russo-japoneza dirigiu as operações navaes na qualidade de sub-chefe do estado maior, dando em todos esses ensejos as mais brilhantes pro-



Exercícios de jiu-jutsu—Exercícios de antiga esgrima japoneza—Outra phase dos exercícios de antiga esgrima japoneza



vas de coragem e de competência. O estado maior que o acompanhou era composto, igualmente, por alguns dos mais distinctos officiaes japonezes.

O *Tsu-Kuba*, um dos mais bellos cruzadores cou-raçados modernos, que foi justamente admirado em Lisboa, é um dos primeiros grandes navios construidos nos estaleiros japonezes, cuja actividade não se interromperá até 1914. N'esse anno, o Japão será, sem duvida, um dos paizes mais formidaveis sobre o mar, talvez—quem sabe?—o dominador do Oceano Pacifico.

No castello de prôa do navio almirante—No parque da Pena: o ministro do Japão e sua esposa

—Depois do almoço na Pena—Um bom typo de marinheiro japonês

—Os jogadores de esgrima japoneza, a bordo—Em casa do ministro dos Estados-Unidos —

O capitão-tenente Leotte do Rego, com dois officiaes japonezes. O da esquerda é catholico

—El-Rei e os ministros dos estrangeiros e da marinha, a bordo

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

# MEMÓRIAS DO Chete Jacob

(CONTINUADO DO N.º 78)

Jurou que não sabia; clamou que não fôra e então eu disse-lhe:

— Vae vêr o que fez...

— Mas, sr. Jacob, como entrou elle em casa se lá estavam as chaves nas portas?! — perguntei as-ombrado.

— Isso foi pelo que eu desconfiei d'elle... Foi o que lhe narrei...

Olhe, homem, você foi com o seu patrão ao Verol. Elle ficou por lá a conversar e você subiu para a Graça. Tinha uma chave falsa do quintal, e quando sahú tirou-a da porta que deitava para lá...

— Não fiz isso...

A chave appareceu no seu logar...

Sorri e continuei:

— Veiu, pois, pela travessa do Pereira, á pressa. Ninguém o viu... Abriu a porta do quintal e depois a da casa, cuja chave roubára, entrou e matou a mulher... Roubou-lhe o dinheiro e sahú outra vez...

— E' falso!...

— Houve quem o visse!... — bradei de repente. A mulher a quem você ia deitando agiga aochão...

— Foi quando fui vêr o que havia em casa...

— Olhe, Antonio d'Almeida, que era apenas uma hora!...

Ficou succumbido e eu continuei:

— Então você deu tempo a que o seu patrão chegasse... Disse que fôra aos recados como foi e que o resto do tempo se demorara a rezar na Sé... Foi quando commetteu o crime... Depois, quando a porta da casa se arrombou para a entrada da policia, você foi collocar a chave que trazia na algibeira na porta que deita para o quintal e por onde você entrára e sahira na hora do crime.

Ficou succumbido; vi no seu olhar o medo e a confissão.

Contou então tudo; disse como as cousas se tinham passado, falou d'ellas com uma certa segurança e tudo fôra assim, como lhe tinha dito, o que de resto, meu amigo, não era difficil de adivinhar da fôrma como lh'as expuz.

Annos depois, já elle estava no degredo ha tempo, quando se remexeu o cano da casa, então não havia ainda os grandes collectores, encontrou-se a faca com que elle commettera o crime, o seu grande crime!

Depois, o velho Jacob tornou:

— Isto foi um caso de deducção, facil de realizar. Agora, veja como eu descobri quem falsificava uma grande quantidade de estampilhas que havia no mercado e como sem mais dados que uma chave, a qual podia abrir os milhões de portas de Lisboa, eu fui achar aquella onde ella servia...

E' o caso de que guardo mais recordações!... Ainda ahí está vivo o agente Matta que me auxiliou!...

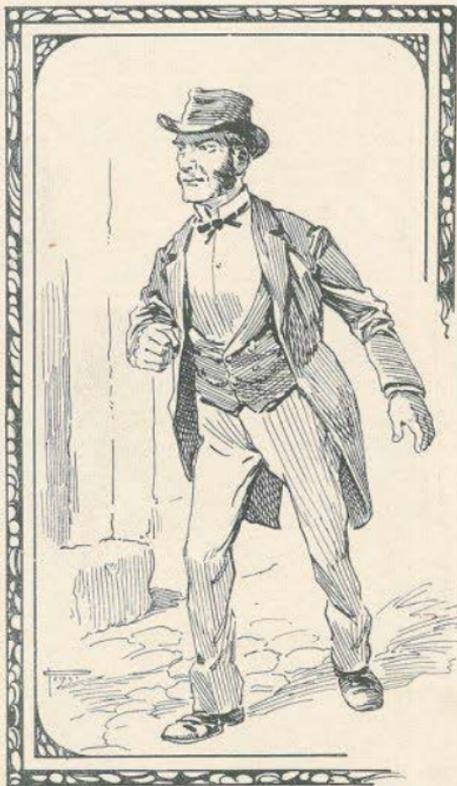
## As estampilhas falsificadas

O DIRECTOR DOS CORREIOS E OS FALSIFICADORES — UMA VAÇA JAQUETA CÔR DE MEL — ABOA MEMORIA DO SR. JACOB

O senhor sabe como se fazem estampilhas fora da Moeda?! Não sabe?! Era o que me succedia e a toda a policia de Lisboa no anno de

1887, em fevereiro, n'um carnaval de chuvinha e lamaçal. Não vê que era necessario ter excellentesapparehlos, machinas magnificas, cunhos bem gravados, tintas aperfeioadas para aquella estampa e impressão, para aquelle colorido e para a perfeita picotagem?

O commissario Fernando Leite chamára a si o Antunes e o actual chefe de policia Romão Ferreira.



— Veiu, pois, pela travessa do Pereira, á pressa.

Eu não fora indicado para a diligencia e seguia pelos jornaes os resultados a que elles chegavam.

Sabia-se que n'alguns estabelecimentos de Lisboa um homem, com uma jaqueta cõr de mel, chapéu à serrana, matacões e calça afiambrada ia vender estampilhas dizendo com um ar ingenuo de provinciano que lh'as tinham mandado de fora e que as queria vender. Fora uma loja lá da sua terra que acabára e os proprietários careciam agora de vender essa porção de estampilhas que não lhe serviam para nada, visto ser necessario ter uma volumosa correspondencia para as empregar em pouco tempo. Fazia um abatimento e os commerciantes não desconfiavam d'esse homem de jaqueta, de ar lorpa de provinciano que lhes ia offerecer estampilhas.

Ninguém podia julgar que eram falsas, como já disse, pois não faziam a menor differença das outras. Aquelle homem andava desde o começo do mez vendendo estampilhas e a policia sabia da sua figura por aquelles que lh'as tinham comprado.

Mais nada. A porção das estampilhas era tão grande que o director dos correios, Guilhermino de Barros, fizera a sua queixa e revolviam-se meia Lisboa para se encontrar, com os habeis falsificadores, as machinas e o local onde a falsificação se praticava, sem o que difficil seria estabelecer a culpa.

Os meus collegas tinham já apprehendido duzentas e quarenta d'essas estampilhas, não porque as conhecessem mas porque

indagavam nos estabelecimentos se fora esse homem de jaqueta cõr de mel que as vendera. Como ninguém me chamava para a descoberta eu estava calado, apenas seguia pelos jornaes, já disse, o resultado das buscas.

Foi só em 12 de março que o commissario Fernando Leite me chamou:

— Jacob — disse elle — é necessario que isto se descubra...

E disse-me depois quasi acreditar que ellas fossem falsificadas mesmo na Moeda!

Olhei-o de frente e disse:

— Isso é impossivel!... A vigilancia e a verificação ali são enormes...

— Mas então quem as fabrica?!... Onde estão os falsificadores, que são tão habeis? Pois se as estampilhas nem se differenciam!...

E mostrou-me duas ou tres.

— Senhor commissario, eu vou hoje ou amanhã trazer-lhe aqui os culpados!

Deu um salto, olhou-me com pasmo e disse:

— Impossivel!

— E se eu já souber quem são?!

Mostrou na sua cara bondosa — ah! elle era um santo! — um ar de quem não acredita e eu declarei:

— Peço dois dias a v. ex.\* Para aqui lhe trazer os criminosos...

E sôhi...

Entre todos os gatuos que eu conhecia nenhum tinha signaes que cores podessem aos que os jornaes detalharam no auctor da venda das estampilhas.

Depois não achava nenhum bastante habil para fabricar com tanta perfeição essas estampilhas. Porém, havia n'este caso um traço que jámais me esquecera, que muito mariellara na minha cabeça ao ler os signaes do homem que fazia esses negocios: os matacões à serrana.

Tivera, pois, antes de ser chamado para a descoberta — eu sempre gostei de fazer policia para mim — o cuidado de me informar melhor nos estabelecimentos.

Com effeito tratava-se d'um homem alto, vestido como um lapuz e



*Olhando do jardim as janellas*

com matacões!

Devia ser um intermediario. O outro, o auctor das estampilhas, era necessario procural-o entre os mais requintados criminosos, porque até no crime ha differenças, a não ser que fosse alguem da Casa da Moeda que as fabricasse cá fora!...

— Sim... Isso era admiravelmente deduzido...

Jacob sorriu com a sua bonhomia e declarou:

— Ora entre os mais esportos gatuos estava um que ora uma cousa extraordinaria, um que vestia lindamente, que tinha palavras de mel, boa cara, uma subtilidade de processos que encantavam um policia...

Com aquella phrase vi bem a raça de policia

que Jacob tem em si. Aquella fórma de aclarar, a maneira habil como os crimes são commettidos ou é d'um artista ou d'um grande policia!

—E foi o contraste da figura d'esse homem com a do outro que passava as estampilhas o ponto de partida para a prisão d'essa creatura contra a qual não tinha a menor prova, continuava elle a dizer-me.

—Ah! meu amigo, mas era um ladrão muito habil, digno d'um melhor policia do que eu!... O que eu suei para lhe provar o crime...

Esse homem chamava-se Alfredo Alves Mendes, tinha a alcunha de *Pera de Satanaz*, dizia que eu era o seu perr inimigo e era o gatuno que eu mais gostava de ter nas unhas. Nunca confessava cousa alguma! Era necessario provar os seus delictos.

Eu tambem nem me dei ao trabalho de o inter-

—E então?!

—Não me enganára! Com effeito um serralheiro chamado mestre Henrique trabalhára uma peça, um pequeno apparelho que podia ser destinado á picotagem das estampilhas e mostrou-me o seu molde.

Quem ali o fôra buscar não tinha os signaes do *Pera de Satanaz* nem os do homem da jaqueta cor de mel. Era tambem alto e magro mas sem matações... De cara rapada!...

Ah! meu amigo, esta diligencia até aqui apenas prova que eu tinha bem de memoria a cara dos gatunos.

Aquelle homem devia ser o *Abbate*, um amigo do *Pera de Satanaz*, e que eu já vira a falar com elle uma vez junto á igreja da Graça...

Sabia-lhe a morada... Elle não era mau! Não



*A mulher a quem ia deitando a giga ao chão*

rogar desde que o preendi no seu domicilio, como os de todos os grandes gatunos mais ou menos conhecido da policia.

Agora carecia de o revistar. No seu quarto da rua do Soccorro de Cima, n.º 44, 2.º andar, não encontramos cousa de valia.

Puz um agente em campo para indagar nas serralherias proximas se um homem com os signaes do *Pera de Satanaz* ou outro mesmo desconhecido ali mandára fazer alguns instrumentos.

—Mas como lhe veio essa idéa?!

—Se eu não achava a machina?!... Carecia d'uma prova, não é isso?! Ora nada mais facil que os serralheiros d'ali ou de mais longe tivessem trabalhado algumas peças, não sendo mesmo de admirar que a machina e os seus pertences tivessem sido feita aos boccados em cada officina.

passava d'um desgraçado... Vae vêr como até no crime ha bons sentimentos! Não ria... Ha d'esses homens que ainda choram... Uns

fingem, outros teem lagrimas sinceras...

Mas agora é que começava a necessidade de toda a minha astucia. Onde estava a machina com que se fabricavam as estampilhas?! Que dados tinha para a encontrar?!... Nenhum! Talvez o *Abbate* falasse... mas não! Era da escola do outro — a dos silenciosos — e decerto não me diria cousa alguma.

O ILLUSTRE «PERA DE SATANAZ» O SR. JACOB NUNCA AMOU?! UMA SÓ CHAVE PARA TODAS AS CASAS DE LISBOA O QUE DIZIA O AGENTE MATTA

Fui, pois, prender o *Abbate* á sua residencia na Fonte do Louro. Era de noite. N'essa madrugada expirava o praso que eu pedira para apresen-

tar os criminosos. Mandei cercar a casa; bati. Era, como lhe disse, em março, fazia calor e havia um bello luar.

— O' *Abade*, gritei-lhe... Abre lá!... Cá está o teu amigo Jacob...

Eu sempre tratei assim os ladrões... Olhe, a *Giraldinha* sentava-a à minha mesa e dava-lhe de comer... Leal com os inimigos!

— E até cortez — exclamei — Exactamente como em Fontenay os francezes ao começar a batalha gritaram: *Aítrae primeiro, senhores inglezes!*

O Jacob riu e accrescentou:

¶? — Essa *Giraldinha*, tambem em me vendo, parecia uma doninha deante d'um sapo e foi a unica ladra que me pregou uma partida, não a mim directamente, mas a um dos meus agentes... Pagou-a cara! Depois lhe conto...

Fôra a unica vez que o Jacob deixára de seguir a fio as suas narrativas, mas é que ao falar n'esses gatuos celebres elle é como os grandes actores ao recordarem os auctores que lhe deram os seus bellos papeis.

— Pois o *Abade* — continuou elle — abriu-me a porta... Entrei com a mão na algibeira onde trazia o revólver.

— Meu velho!...

Acompanha-nos!

— O' sr. Jacob, eu não fiz nada...

— Veste-te!...

O homem começou a vestir-se; eu entrei a procurar nas gavetas alguns indícios e quando o entreguei aos guardas fui remexer os colchões... Encontrei entre elles trezentas setenta e cinco estampilhas em sobrescritos.

— Falsas? perguntei n'um repente; e o chefe Jacob com o seu ar mais desolado, voltou:

— Falsas... Eis o que era necessario provar a todo o transe e para isso carecia da machina, das tintas e dos carimbos...

O *Abade* explicava que aquillo lhe fôra enviado por uma pessoa de fóra a fim de as vender. Sahi, levei-o commigo e metti-o no segredo do calabouço.

De manhã o commissario Fernando Leite, ao entrar e ao vér-me com um ar taciturno perguntou:

— Nada?

— Eu tinha dito a v. ex.<sup>a</sup> que lhe entregaria hoje os dois criminosos. Estão ali!... São o *Pera de Satanaz* e o *Abade*!...

Elle riu; quiz logo vér o primeiro. Entrou com o seu ar janota, a vizinha macia, e andar leve:

— «Senhor commissario, mais uma vez sou victima do sr. Jacob... Elle é o meu peor inimigo e assim que não sabe a quem ha de prender sou eu quem soffre!...»

Quasi chorava, o patife!

Então eu, tirando da algibeira o molde do apparelho que servia para a picotagem, bradei:

— Sabes o que é isto?...

Tomou um ar ingenuo, ficou calado, a abanar a cabeça.

Com uma enorme paciencia, o commissario foi-lhe dizendo que elle falsificava estampilhas eguaes áquellas que estavam em circulação! Quem eram os seus cumplices?! Onde estavam as machinas?! Como as obtivera?! Não podia negar, desde que mandára fazer aquelle objecto a um serralleiro.

No mesmo tom respeitoso e doce, o *Pera de Satanaz* perguntou:

— V. ex.<sup>a</sup> está capacitado que eu fiz estampilhas com isso?!

— Sim!...

— Pois peço a v. ex.<sup>a</sup> o favor de as fabricar tambem com esse apparelho que o serralleiro para ahí desenhou!... Como as falsificaria eu?!... Juntava as mãos, depois voltava-se para mim e dizia:

— Sr. Jacob, mas que mal lhe fiz eu?...

— Ouve lá, ó Alfredo — dizia-lhe então com bom modo. — D'onde é esta chave que tinhas na algibeira?!

Era uma chave que lhe apprehendera e que, tinha a certeza, pertencia á casa onde elle guardava a machina e as tintas para a sua falsificação!

Endireitou a gravata, mediu-me d'alto a baixo e disse de forma que o commissario o encarou admirado de semelhante resposta:

— Sr. Jacob! O senhor nunca teve uma mulher de quem gostasse, que lhe desse a chave do seu quarto e lhe pedisse segredo... Um homem não desvendava taes cousas... São negocios de coração!

Deu um novo geito á gravata e eu com a

chave da porta na mão — uma pequena chave que bem parecia d'um sitio d'amores, disse-lhe:

— Bem, eu descobrirei onde tens as entrevistas. E soltei uma gargalhada!

— Sr. Jacob... Lembre-se que Lisboa tem milhões de casas!...

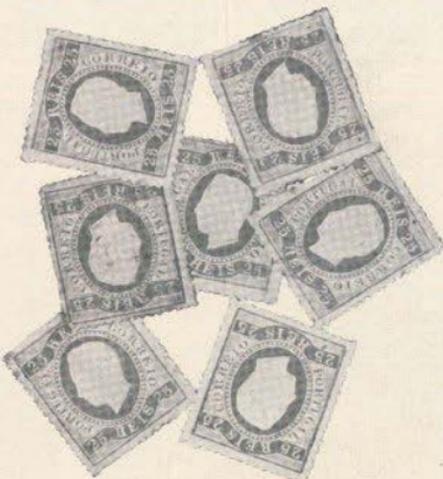
Foi levado de novo ao calabouço e o dr. Fernando Leite disse-me com um ar pasmado:

— Que fino!... Olhe que é difficil de descobrir! Realmente Lisboa tem milhões de casas!...

Eu curvei a cabeça; puz-me a meditar. Tudo aquillo estava ainda confuso. Tinha dois culpados e a certeza que eram os falsificadores decerto com a ajuda d'alguem que muito sabia do officio. Quem era o terceiro cumplice?! Como provar que tinham sido elles os falsificadores?! Eu apenas apprehendera trezentas e setenta e cinco estampilhas nos colchões do *Abade*. Não teriam vindo de fóra? Não haveria em qualquer ponto da provincia, em Hespanha até, uma fabrica bem montada?!

(Continúa)

ROCHA MARTINS.



Encontrei as estampilhas

# O CASO DODIA A QUINTA DE CAZELLAS



*O Papa-Arroz, no pátio do governo civil—O processado João Nunes entrando para o calabouço  
—A taberna do Papa-Arroz—O palheiro da quinta—O casebre onde reuniu o tribunal  
—A nora da quinta, cercada de curiosos*

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

**S**ó não tem cabelo nem barba quem quer!!!

Remette-se com toda a discreção \*

Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabelo abundante. Temos levado com o nosso **Mootoy** a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande impador recorreu a nós pedindo o nosso auxílio e não recorreu de balde!

Homens notáveis e não notáveis, todos nos têm pedido o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos lugares da Africa e da Australia é o nosso **Mootoy** conhecido e apreciado. Póde-se per isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **Mootoy** é de 2545 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de a porções,

**MOOTOY DEPOT** Ditmar Koelster, 3, Hamburgo, 133 O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa

**Fazemos nascer** cabelo nos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias. **Garante-se que não é nocivo.**

uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de 43420 réis.

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remédio não der resultado algum.

Se isto não for verdade pagamos ao comprador 3005000 (trezentos mil rs.).

Para prevenção contra as imitações e falsos remédios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra **Mootoy**.

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.



**Discos Simplex** de double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais VARIADO E MODERNO REPERTORIO em musica e canto dos melhores auctores NACIONAES E EXTRAN-GEIROS. Marca registrada, propriedade exclu-

**Discos Simplex**

siva de J. Castello Branco. Preços excepçionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas fallantes. **PEDIR J. Castello Branco** CATALOGOS a Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 - LISBOA

**Somatose**  
Reconstituente de primeira ordem.  
Estimula fortemente o appetite.  
Farbenfabriken vorm. Friedr. Bayer & Co., Elberfeld.

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



**ALBERT BEAUVALET & C.<sup>a</sup>** Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS. PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Farinha lactea **Nestlé**  
Preço 400 réis  
36 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

**UNION MARITIME E MANNHEIM**  
Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza  
A companhia LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL, rua da Prata, 50, 1.<sup>a</sup>, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.  
Directores em Lisboa: **LIMA MAYER & C.<sup>a</sup>**

\*\* RUA DA PRATA, 59, 1.<sup>a</sup> - LISBOA \*\*

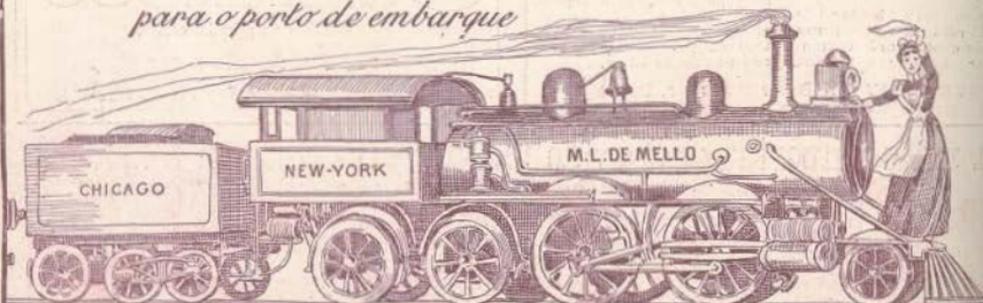
Agente em Paris: - Camille Lipman, 26, Rue Vignon

# • Cream of Wheat •

E' um cereal recommendado para os anemicos, diabeticos  
ou para pessoas de digestão difficil e em especial para  
as creanças, porque é um alimento completo.

**A' VENDA EM TODOS OS ESTABELECIMENTOS  
DE GENEROS ALIMENTICIOS**

*Conduzindo um carregamento de CREAM of WHEAT  
para o porto de embarque*



*Um bom almoço — Um lanche agradável  
Uma sobremesa deliciosa*

*A' venda em todos os estabelecimentos  
de generos alimenticios.*

É um cereal recommendado para os anemicos, diabeticos  
ou para pessoas de digestão difficil, e em especial para  
as creanças, porque é um alimento completo.

**A' VENDA EM TODOS OS ESTABELECIMENTOS  
DE GENEROS ALIMENTICIOS**

# • Cream of Wheat •